

# **FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR: RELATOS DE PRÁTICAS DE ESTÁGIO NA ESCOLA EXPERIMENTAL**

## **Estagiários:**

Adrielle Matos  
Carine Fernandes  
Clara Bonfim  
Heloisa Frenzel  
Natália Gonsalves  
Roberta Saback  
Victor Pimentel

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo objetiva apresentar nossas práticas de estágio em Psicologia Escolar na Escola Experimental, focando a importância destas para a nossa formação enquanto psicólogos, considerando nossas vivências e experiências pessoais e coletivas.

Acreditamos que não seria possível traduzir em palavras tudo que significou estagiar nesta escola e tudo aquilo que foi aprendido. O que foi exposto no trabalho em questão é apenas um pequeno esboço de tudo que foi vivenciado, como uma forma de dividir impressões e poder passar um pouco do que significou essa experiência. De antemão, esse estágio foi uma grande fonte de conhecimento, que ainda não se mostra satisfeita, pois uma vez em contato com a Escola Experimental e todo aprendizado que ela pôde proporcionar, a busca de conhecimentos, de aprender, entender e crescer no caminho desta profissão, só fez aumentar. Desta forma, essa foi uma experiência crucial para o entendimento e escolha pela atuação dentro de uma escola. A oportunidade de estágio em psicologia escolar nos forneceu a possibilidade de conhecer o contexto escolar de um âmbito diferente, que não a de estudante. Permitiu também que pudéssemos ver na prática o que foi estudado na teoria, o que contribuiu para um verdadeiro conhecimento da realidade escolar.

Assim, ressaltamos que o estágio teve grande importância para o nosso crescimento pessoal e profissional. Como crescimento pessoal, referimo-nos a um amplo conjunto de vivências que nos permitiram crescer enquanto seres humanos. E como desenvolvimento profissional, algumas aprendizagens que nos possibilitaram crescer

enquanto futuros psicólogos que buscam ingressar nesse complexo contexto que é a escola.

Descrevemos essas práticas ao longo do artigo. Para melhor organização, as subdividimos em quatro vertentes: a participação constante no cotidiano da sala de aula, a formação dos auxiliares pedagógicos e funcionários de apoio, a formação dos professores e o trabalho com inclusão (acompanhamento de crianças com necessidades especiais).

O artigo termina com relatos pessoais de cada estagiário sobre essa experiência na Escola Experimental, uma vez que entendemos que a aprendizagem e as percepções dessas vivências passam por aspectos individuais.

## **COTIDIANO DA SALA DE AULA**

Estar em sala de aula, participando ativamente do processo de aprendizagem dos alunos foi sem dúvida, umas das experiências mais enriquecedoras que se pôde ter. Dentro da sala de aula foi possível captar tudo aquilo que está nas entrelinhas de livros, artigos e entrevistas, que sempre ficava na imaginação. Pudemos estar em contato com a realidade propriamente dita, podendo participar ativamente desse processo e ainda contribuir de alguma forma, com o processo de aprendizagem das crianças.

É possível afirmar, que fazer parte do cotidiano da escola, possibilitou um crescimento enorme não só como profissional que possui interesse em atuar nessa área, mas também como ser humano. Entrar em contato com esse mundo concreto da escola, estando com e como protagonista e não apenas nos bastidores, nos mostrou como essa realidade é possível, e que apesar de ser uma tarefa complexa, ela pode ser desempenhada de forma muito competente e a favorecer o crescimento de todas as crianças da sala.

Sabe-se a importância que a sala de aula tem para uma criança, desde a organização do seu espaço, até as atividades que são desenvolvidas nela. É na sala de aula que se encontra um resultado de todo esforço e trabalho realizado por um grupo dentro da escola, e que está concentrado naquele espaço, com aqueles alunos e com a professora,

é onde tudo pode e vai acontecendo, e onde sai do papel e se transforma em realidade propriamente dita.

Participar de toda essa organização foi um ganho muito importante pra nós, que fomos honrados em ter essa oportunidade. Foi na verdade um presente para a nossa formação e para ser levado durante toda nossa vida profissional. Isto porque além de estar lidando com a teoria, com materiais concretos, foi possível absorver o cunho ético, profissional, criativo e competente de pessoas que mostram todos os dias nas salas, como é possível fazer uma educação melhor para todos.

Participar desse cotidiano foi fundamental porque através dele, foi possível participar de pequenos momentos como; a construção da feira de conhecimentos, feira de artes, construção de atividades para as crianças, teatros, música. E em cada pequeno momento desses, grandes ações estavam sendo concretizadas, e que de uma forma lúdica, uma forma criativa, estava utilizando todas as potencialidades e habilidades das crianças, permitindo que elas explorassem isso e, além disso, dando a elas a autonomia necessária para delinear como seria a dinâmica em sala.

Foi dentro da sala de aula, que foi possível observar momentos tão marcantes e tão importantes, como momentos de cantinhos, momentos de trava-língua, momentos de conflitos sendo solucionados pelos próprios alunos. Foi dentro da sala de aula, que percebemos o reflexo da ação e atitude de cada professor, influenciando nas reações e relações de cada aluno. Na forma em como as crianças desenvolvem e se responsabilizam pelas suas atividades, na forma em que cada criança solucionava um conflito, e na forma de cada criança produzir brincando, grandes trabalhos.

É fundamental citar a importância do trabalho de cada professor dentro da sala de aula. Trabalho esse que vai além de qualquer contrato, qualquer questão burocrática, e passa para a emoção, para o gostar e o fazer com qualidade. Dentro da sala de aula, os professores se mostravam completamente implicados e faziam com carinho as atividades, olhando atentamente para cada um que está naquela sala, sem excluir ou privilegiar ninguém.

Outra questão importante eram as discussões, a forma como elas ocorriam, como esses professores demonstravam suas angústias, inquietações e estavam sempre com vontade de aprender, de discutir, de fazer melhor para os seus alunos. O que só podia refletir na própria sala de aula, com alunos disciplinados, problematizadores, autônomos, criativos e extremamente competentes e habilidosos.

Vale ressaltar a importância do cuidado com a sala de aula, com a dinâmica proposta e realizada nela. E principalmente, a importância do olhar atento a diversidade. E esse foi um tema relevante durante todo o período que estávamos na Experimental, pois além de todas as atribuições supracitadas, os professores ainda tinham o cuidado de prestar atenção a diversidade, a diferença entre os seus alunos e as peculiaridades de cada um, o que é de extrema importância para o desenvolvimento em sala, assim como afirmam Paniagua e Palacios (2007, p. 151);

“A característica das salas de aula assim definidas é que crianças diferentes muitas vezes fazem coisas diferentes, em um ambiente de atividade construtiva e plural. Nesses contextos, adversidade não é um inconveniente, mas um fator que se aproveita para a ação educativa”

Dessa forma, dentro da sala de aula foi possível observar toda essa preocupação com as diferenças e a subjetividade de cada aluno, sempre respeitando isso e fazendo com que os alunos se respeitassem e entendessem essa questão. E não só pôde ser percebida uma preocupação quanto à diversidade, mas a muitas outras questões, fatores e eventos que ocorrem no espaço da sala de aula. Foi possível perceber um cuidado com todos os outros eventos que fazem parte e poderiam auxiliar no aprendizado e no crescimento das crianças.

Um exemplo disso seria um equilíbrio entre atividades obrigatórias, atividades optativas, atividades livres. Era possível perceber como isso era distribuído de maneira correta, e como os professores davam a importância devida a cada momento na sala de aula como, por exemplo, com as atividades dirigidas e atividades livres. De acordo com Paniagua e Palacios (2007), nas atividades dirigidas, em geral realizadas com todo grupo, é claramente o professor ou educador que marca a atuação de todas as crianças. Suas propostas são basicamente fechadas: é preciso fazer as coisas conforme o adulto dita.

Dessa forma, os alunos têm suas atividades dirigidas, aquelas que são obrigatórias dentro de sala de aula, sabendo que precisam realizá-las, e as crianças se comprometem com o professor, levando o que tem como dever e aprendendo a respeitar essa condição. Mas da mesma forma, elas possuem suas atividades livres, em equilíbrio, que realizam de forma mais autônoma e que também possibilitam o aprendizado.

Atividades como os cantinhos e o parque, são caracterizadas como atividades livres, que eles realizam de forma autônoma, e que é de extrema importância. Segundo Paniagua e Palacios (2007), todos os meninos e meninas necessitam de uma boa dose de atividade totalmente livre, em casa ou na escola, mas não podemos esquecer o papel do adulto de montar o andaime para o seu desenvolvimento, que está ausente dessas atividades. Sendo assim, essas atividades livres se mostram imprescindíveis, mas sem esquecer do papel do adulto e das atividades obrigatórias, o que demonstra ocorrer muito bem dentro das salas da Experimental, e do “contrato” entre professores e alunos.

Dessa forma, é possível perceber que a sala de aula na Experimental não é somente um espaço separado para dar aulas, mas um espaço criado para ser utilizado de forma coerente para possibilitar o aprendizado dos alunos, de uma forma diferenciada e preocupada com a formação e o desenvolvimento de cada criança que está lá dentro, o que só pode trazer boas oportunidades para os alunos, e para quem pode estar lá dentro e conviver, já que como afirma Guimarães (1992, p. 61):

“Metamorfosear o ambiente de trabalho e a própria escola em ambientes agradáveis, onde há lugar para a brincadeira, o encontro com o amigo confidente. (...) Esses momentos de reconstrução cotidiana se dão nas situações mais diversas, assumindo formas tão surpreendentes, quanto gratificantes”.

## **CAPACITAÇÃO DOS AUXILIARES PEDAGÓGICOS E FUNCIONÁRIOS DE APOIO**

Como foi dito, nós, estagiários, vivenciamos o cotidiano da sala de aula e, assim, temos a oportunidade de conversarmos bastante com as auxiliares de sala. Com essa vivência, pudemos perceber a importância de se estar propondo um grupo de apoio aos auxiliares,

pois eles também estão em contato direto com as crianças. Um exemplo disso é o caso da educação infantil, onde as professoras têm o costume de se dividir em sala com a auxiliar a fim de realizar uma atividade que precisa disponibilizar uma maior atenção aos meninos e para que tal divisão possa ser considerada um instrumento de educação é necessário que as profissionais tenham a possibilidade de estar discutindo e refletindo sobre sua atuação assim com as professoras.

Desta forma, acreditando que todos os que estão na escola são educadores e que, portanto, também devem estar em contínua formação, a capacitação dos auxiliares ocorre através da discussão de temas sugeridos pelo grupo, conduzida pelos estagiários (supervisionados pela psicóloga), existindo há dois anos e meio.

Já foram trabalhados temas como: “A escola que temos e a escola que queremos”, “Inclusão escolar” e “Psicogênese da língua escrita”. O tema do último semestre, “Resolução de conflitos”, foi de grande relevância para o grupo principalmente por ser algo considerado comum do seu dia-dia. Com isso, percebemos a importância de se pensar junto com eles um tema a ser abordado no semestre. Nesse sentido, segundo Cabral (2007, p. 77),

“a formação dos profissionais da educação, não docentes, deve contemplar temáticas específicas a cada área de atuação desses profissionais, para um melhor desenvolvimento das atividades competentes a cada setor, como também permitir ampliação dos conhecimentos, valorização pessoal e profissional e aprendizagem organizacional”.

O grupo de formação foi construído com eles e não para eles e isso permite um maior engajamento dos profissionais, onde os próprios traziam os conflitos vivenciados e todos em grupo pensávamos a melhor forma de resolvê-lo e quais os princípios que estavam por trás das atitudes tomadas por eles. Assim, a partir da troca de experiências e saberes, juntos, fomos construindo o conhecimento.

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Na capacitação dos professores, tivemos a oportunidade de aprender a partir da troca de experiências. O compartilhamento de práticas nos possibilitou um olhar mais crítico sobre outras ações realizadas e, principalmente, nos permitiu perceber o que é possível

ser feito quando pessoas competentes, habilidosas e que acreditam no que fazem se empenham numa determinada tarefa.

O grupo teve um significado especial para nós, pois perceber a importância que as professoras dão as discussões sobre a prática e os avanços de seus colegas em sala de aula é algo essencial do processo de reflexão sobre sua própria prática. Nesses encontros tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais de cada professor da experimental e entender o que faz dessa escola um contexto de aprendizagens tão significativas para as crianças, o compromisso.

Por meio da propriedade com que as professoras discutem ações e atitudes no grupo, pudemos perceber o compromisso com a educação, o compromisso com o desenvolvimento psíquico, emocional e físico das crianças e um compromisso com a formação de sujeito políticos e éticos, aqueles que acreditamos ser essencial para a transformação da sociedade que vivemos hoje. Por acreditar na educação enquanto um instrumento de transformação social pensamos na relevância desse grupo de formação para nós enquanto cidadãos.

Nesse sentido, a importância desses encontros com os professores fica estampada. Não é preciso muito esforço para perceber que essa capacitação é fundamental, no sentido de que direciona ações, permite o diálogo e trocas entre os profissionais de forma que as decisões são tomadas coletivamente, possibilita atualização teórica de todos e não permite que a estagnação predomine no cotidiano da escola: a capacitação proporciona que a instituição esteja sempre avançando, buscando cada vez mais estar coerente na prática com a concepção de educação que acredita.

Entendemos que participar dessa capacitação foi fundamental para nossa formação, onde destacamos dois aspectos. O primeiro é que estivemos junto com os professores aprendendo, sentindo e vivendo essa experiência e nos parece ser fundamental estar nessa posição para entendê-los melhor. Uma posição de quem está todos os dias na sala de aula, enfrentando problemas e desafios e que, encontra nessas reuniões, um espaço de troca e direcionamento; um espaço que não dá lugar a práticas isoladas. Assim, isto foi importante para nós considerando a possibilidade de, no futuro, estarmos em outra posição: a de facilitadores do grupo. E aqui entramos no segundo aspecto que

mencionamos: essa experiência também trouxe uma maior compreensão do lugar do profissional que organiza e concretiza a formação de professores (um formador de formadores: que responsabilidade!). Um profissional que, para possibilitar que os professores realizem práticas promotoras de construção de conhecimento, respeitando os ritmos e limites de cada aluno, conduz essa capacitação de forma que cada professor construa o conhecimento através da relação teoria-prática e que, também, respeita o tempo de cada educador.

Sobre a construção de um grupo de formação de professores, Severino (2006) afirma que os cursos de formação não devem estar voltados para uma postura puramente técnica de transmissão de conhecimento, pois é necessário que os docentes possam expressar uma sensibilidade crítica as condições em que se encontra a educação no Brasil. Deve-se favorecer o desenvolvimento de profissionais intelectuais e críticos, tendo em vista a noção da educação como mediação da cidadania. Essa formação política possibilitará uma atuação mais ética desses profissionais, buscando sempre os interesses dos alunos e da sociedade como um todo.

E como afirmam Saddala e Carvalho (2002) e Pimenta (2002), o papel do psicólogo na formação continuada de professores é atuar de forma não prescritiva, possibilitando que os professores se tornem agentes de seus saberes e de suas práticas. Essa formação deve ser voltada para o desenvolvimento de professores prático-reflexivos que se caracteriza como uma auto-formação a partir do momento em que o docente deve buscar confrontar seus conhecimentos prévios com suas experiências cotidianas de sala de aula, re-elaborando esses conhecimentos, o que poderá favorecer a reflexão de sua prática e re-elaboração das teorias que embasam suas ações.

Além disso, ficou clara a importância deste profissional que está à frente do grupo estar sempre estudando, lendo a teoria para retroalimentar a prática e de estar na prática, para possibilitar um aprendizado consistente. Isto ficou particularmente evidente quando analisamos a capacitação em dois anos seguidos. Em 2007, a equipe dedicou-se a estudar a teoria e em 2008, a torná-la realidade. Primeiro, o embasamento teórico fundamental para depois uma atuação referendada. Processo que leva mais tempo, mas que é necessário para uma prática consolidada e que perdure no tempo. Em outras



palavras, prática que não se torne modismo, mas que permaneça viva na sala de aula com o passar do tempo e com o estudo de novos temas.

## **INCLUSÃO: ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

A educação enquanto prática social com a finalidade de proporcionar o “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (pág. 1, 1996), tem no artigo 3º do título 2 da Lei nº 9394 (LDB) identificada os princípios que estruturam a prática de ensino, sendo eles:

**Art. 3º.** O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I** - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II** - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III** - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV** - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V** - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI** - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII** - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII** - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX** - garantia de padrão de qualidade;
- X** - valorização da experiência extra-escolar;
- XI** - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Por meio desses princípios, faz-se necessário que as instituições próprias de ensino garantam o cumprimento da igualdade de acesso e permanência dos educandos, sendo eles oriundos de diferentes realidades sociais, bem como portadores de demandas individuais que se relacionam com processo da formação cidadã, seu desenvolvimento, bem como a qualificação para o trabalho.

Logo, a prática educativa deve ser inclusiva enquanto ferramenta essencial para sua execução enquanto ação social verdadeiramente ancorada nos princípios acima destacados. Segundo Mantoan (2006) a prática inclusiva por parte da escola está relacionada com movimentos sociais que objetivam articular um tratamento desigual

como forma de restabelecer a igualdade rompida por “prática segregadoras do ensino regular e especial” (p. 16).

A prática escolar deve estar atenta as desigualdades sociais oriundas das relações de poder (realidade econômica, política, entre outros fatores) e eliminá-las em oposição a busca pelo que é universal em todo ser humano. Considerar os educandos como iguais sem estar atento as desigualdades sociais faz parte de um modelo padronizador que exclui as características que não fazem parte dos grupos sociais dominantes (MANTOAN, 2006).

A escola tem, portanto, a tarefa de articular as diferenças individuais em um modelo que estas sejam valorizadas enquanto construções humanas legítimas e embasadas na idéia de que: o que há de universal no ser humano é a capacidade de articular sua inteligência para relacionar-se com o meio, sendo as diferenças de desempenho um reflexo da pluralidade de fatores que influem no desenvolvimento humano.

A instituição escolar não deve valorizar determinados desempenhos em detrimento de outros, pois assim, estaria confirmando diferenças identificadas no âmbito das relações sociais, e privariam o pleno desenvolvimento daqueles que estão na parte excluída do processo social, seja por sua condição sócio-histórica ou pela falta de ferramentas biológicas comuns a maior parte da sociedade.

A inclusão se caracteriza pelo respeito à diversidade e pela igualdade no que tange a oportunizar a qualidade e o progresso do indivíduo em todos os âmbitos de sua vida. Garantir que essa prática seja validada no contexto escolar é de responsabilidade de todos que o compõem.

Mitjás Martínez (2007) explicita que a escola deve ser compreendida como um espaço caracterizado pela diversidade e que deve haver reconhecimento e a valorização dessas diferenças para que o processo de educação inclusiva seja posta em prática. Podemos perceber que, na Experimental, a singularidade de cada indivíduo é respeitada e há a consciência de que o processo de aprendizagem ocorre de maneira única para cada indivíduo. É ele quem significa o que está sendo ensinado e sua maneira de apreender, de entender é validada, o que possibilita o seu crescimento.

Todo indivíduo é um ser social e se constitui através das relações que estabelece com o outro. Como afirma Mantoan (2004):

“É no estar com o outro [...] que se constrói entre nós uma relação, um vínculo responsável por nossa constituição como seres que não se repetem e pela construção de identidades móveis, voláteis, não fixadas, nem de fora e nem de dentro de nós mesmos.”  
(pág.)

Assim, esse encontro é de fundamental importância para o compartilhamento das singularidades, e a escola deve proporcionar o “espaço” para que a vivência seja significativa e a aprendizagem ocorra. Foi a partir dessa socialização que a inclusão de crianças com necessidades especiais, na Experimental, foi possível. O reconhecimento do outro, as trocas possibilitaram a diferenciação e contribuem no processo de sua constituição enquanto sujeito único. O acolhimento dessas crianças por todos da escola também foi um aspecto que permitiu que estas se sentissem pertencentes aquele contexto e pudessem se sentir seguras para explorar suas potencialidades.

A consciência, o cuidado, a disponibilidade e o comprometimento em possibilitar ao aluno os meios para que ele pudesse explorar suas potencialidades, transgredir seus próprios limites e lutar pela sua autonomia foi e é, essencial. Outro fator importante foi a nossa atitude de ver a criança como um indivíduo que, como outros, possui habilidades e dificuldades, e não reconhecê-lo pela sua dita “patologia”. Essa atitude foi essencial, pois permitiu que tanto os outros profissionais da escola, quanto os alunos assumissem a mesma postura adotada por nós. Como afirma Martinez (2007)

A compreensão da aprendizagem como um processo complexo e, conseqüentemente, singularizado da subjetividade humana, do espaço escolar como um sistema social complexo, assim como uma concepção social e não fatalista da deficiência e de outras características e condições das crianças devem orientar o conjunto de ações do profissional da psicologia no contexto escolar. (p. 104).

Participar desse processo de educação inclusiva, portanto, foi relevante para nossa formação, pois pudemos testemunhar toda a complexidade que envolve essa questão e nos tornarmos psicólogos mais conscientes e engajados.

Mais especificamente, iremos relatar nossa experiência no grupo 10, no qual acompanhamos uma criança com Síndrome de Asperger. Não foi uma tarefa fácil. Foi necessário buscar estudos teóricos mais específicos além de investir em inúmeras

reuniões com a professora do grupo, a coordenadora e a Psicóloga da escola, a fim de alinhar as estratégias que seriam utilizadas por nós, pois, como propõe Mantoan (2006), é fundamental que ações para mudanças na organização pedagógica sejam propostas para que as diferenças sejam contempladas.

Inevitavelmente, ao longo de todo esse processo, muitas dúvidas surgiram, muitas angústias e, às vezes, desânimo, pois pensávamos estar fracassando nas nossas ações. Focamos bastante, inicialmente, na importância dos conteúdos para essa criança, esquecendo da sua formação enquanto sujeito. Fomos, muitas vezes, motivadas a pensar nas potencialidades que ela tinha e não nas limitações e, a partir de então, a nossa prática foi se modificando, o nosso envolvimento foi se tornando maior e o trabalho que fazíamos era cada vez mais prazeroso.

As atividades eram sempre desenvolvidas pensando no significado que iriam ter para esta criança. Dessa forma, nos primeiros momentos, a ludicidade fez parte da nossa ação. Atividades com arte (pintura e desenho), confecção de massa de modelar e brincadeiras no parque foram bem frequentes, no início, visando possibilitar o desenvolvimento psicomotor da criança, além da expressão de suas emoções, através do brincar, fato este que é visto como uma dificuldade no autismo, em geral. Com o passar do tempo, construímos um banco de dados com diversas atividades das distintas áreas do conhecimento (ciências sociais, naturais, matemática e língua portuguesa), visando ter sempre inúmeras possibilidades de intervenção com a criança, adaptando-as aos conteúdos que seriam trabalhados, no dia, com o grupo todo. Dessa maneira, a depender de como decorresse o dia, poderíamos variar entre as atividades lúdicas e as mais direcionadas ao conteúdo. Essas últimas eram realizadas, primeiramente, fora da sala, mas, depois, passaram a ser feitas dentro da sala, objetivando um maior envolvimento da criança com o grupo, o que é mais uma possibilidade de investimento com a criança com autismo. E, assim, podíamos perceber, cotidianamente, a funcionalidade do trabalho que estávamos, junto a toda equipe, propondo para aquela criança.

Além de todas essas atividades realizadas, propomos à família que possibilitassem a participação do seu filho nas atividades extra-curriculares de circo e natação. Então, sempre acompanhado por uma de nós, ele avançou bastante, ficando menos agitado, mais concentrado (em especial nas aulas de circo) e interagindo com os colegas.

Ficávamos felizes com cada resultado visto. Visando sempre propor atividades que fossem significativas para ele, criamos alguns projetos de atividades, baseando-nos naquilo que ele trazia como algo prazeroso, associando ao avanço que cada atividade iria lhe possibilitar. Assim, criamos os projetos “Agenda” e “Árvore Genealógica”, em que ele tinha que entrevistar os colegas para colher dados sobre os mesmos, interagindo com ele e, finalizamos o ano letivo com a filmagem de um jornal, no qual o nome, o roteiro e as entrevistas foram criados por ele. Percebemos, então, seu grande envolvimento com esta atividade, pois, de fato, foi resultado de um desejo seu revelado durante todo o ano.

A inclusão, dentro do contexto escolar, não é uma tarefa simples e isso pôde ser comprovado com a nossa prática dentro da Escola Experimental. Consideramos ter sido este um ano de tentativas e erros que foram vivenciados de forma coletiva, com apoio de toda a equipe, o que fortaleceu, de forma substancial, o trabalho. Pensamos a todo o momento no sujeito em sua complexidade, nas demandas trazidas pela criança de suas vivências fora da escola, nas suas potencialidades, acreditando sempre na sua capacidade. Não esquecemos, também, de compreender aqueles que se dispuseram a trabalhar com esta criança, incluindo a professora, a coordenadora, a Psicóloga e nós, estagiárias, em suas potencialidades e limitações. Por isso, as reuniões eram tidas como um momento de “desabafo”, em que podíamos expor as nossas falhas, o que conseguimos cumprir, o que não conseguimos, de que forma isso foi feito, tendo, cada um, o seu espaço, havendo uma importante cumplicidade de ação, que favoreceu para que tivéssemos bons resultados.

Portanto, esta foi uma experiência muito rica para nós, enquanto estudantes de Psicologia. Primeiro porque sendo esta uma nova experiência, tivemos que investir nos estudos, nas discussões, aprender a lidar com as frustrações e a acreditar no ser humano, independente da sua condição, compreendendo que todos são diferentes e únicos, contribuindo para a concretização da inclusão dentro ambiente em que estivemos inseridos. Citando Schilling e Miyashiro (2008):

“[...] no mundo plural da pós-modernidade, toda forma de vida é, em princípio, permitida, uma vez que a diferença não é vista como um problema que exige solução, demandando a delimitação precisa de territórios e papéis. A coexistência pacífica de formas distintas de vida

deveria se tornar possível. A idéia de polissemia e de diferentes possibilidades de viver, na pós-modernidade, refere-se em geral, primeiro e acima de tudo, a uma aceitação da pluralidade do mundo.”

E, em segundo lugar, foi muito importante perceber o papel indispensável da Psicologia junto à equipe de trabalho. Acreditamos que os encontros mediados pela Psicóloga da escola possibilitaram a nos compreender nas nossas ações, enquanto equipe de trabalho e enquanto seres humanos, fazendo da prática mais leve e tranqüila, contribuindo para que alcançássemos um melhor resultado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme mencionado anteriormente, seguem depoimentos de cada estagiário sobre as práticas desenvolvidas no estágio e que concluem o artigo:

*A experiência na Escola Experimental foi extremamente importante em minha formação para que eu pudesse desenvolver melhor e consolidar a concepção de Educação em que acredito, para que eu pudesse vivenciar os dilemas e obstáculos de quem está na prática pedagógica (afinal, só experimentando ativamente para a construção do conhecimento, não é mesmo?) e para estudar e vislumbrar possibilidades de concretizar essa educação para autonomia. Cheguei à escola como uma estudante de Psicologia ávida por conhecimento, sedenta em ver o que só apreciei em sala de aula e esperançosa de conseguir promover uma educação de qualidade à criança que demandava acompanhamento. Saio da escola como uma psicóloga um pouco mais experiente, certa de que quero trabalhar em Educação, mas consciente de que ainda tenho muito para estudar e aprender, ciente de que desafios estarão sempre presentes onde quer que eu vá (até porque para que serviria o psicólogo se não existissem desafios a serem enfrentados?). O estágio, sem dúvida, ampliou meu olhar, direcionou minha forma de compreender e agir e expandiu minha visão sobre as possibilidades de atuação do psicólogo no contexto escolar (ADRIELLE).*

*Na verdade, cheguei a pensar inúmeras vezes, que passar pela escola Experimental deveria ser obrigatório para aqueles que desejam seguir pelo caminho da educação, da Psicologia Escolar. Acredito que se todos pudessem ter essa oportunidade, com certeza*

*a escola enquanto instituição teria muito a ganhar. Denomino essa oportunidade que tive de estagiar como um presente que ganhei, não só da minha universidade, mas como de todos os professores, coordenadores, equipe de auxiliares e outros funcionários que fazem parte do grupo, pois desde a portaria, até a direção da escola, você está inserido num processo de aprendizagem e crescimento,. Onde você concretiza o que é educar, ensinar, respeitar a diversidade, respeitar as diferenças, e ainda a crescer e aprender brincando. Valido completamente essa experiência que pude ter, que me fez acreditar ainda mais não só na educação, mas na atuação da Psicologia dentro de uma escola, e claro, me dá motivo para investir e acreditar naquilo em que quero seguir (CARINE).*

*O estágio em psicologia escolar está sendo fundamental para a minha formação enquanto psicóloga. Conhecer o cotidiano da escola, poder observar que a relação estabelecida entre professor-aluno e entre os alunos são determinantes no processo de aprendizagem destes, conhecer mais e poder participar do processo de educação inclusiva contribuíram tanto para o meu crescimento pessoal quanto profissional (CLARA).*

*Esse estágio nos possibilitou conhecer o desenrolar da relação que se estabelece entre os atores da escola e o Psicólogo, como um outro integrante desse contexto. Ele me mostrou ser possível que esse profissional seja tão importante quanto seus colegas e ainda possa buscar reforçar a importância dos outros atores, o que vai de encontro às ações assistencialistas que existem em algumas escolas. A experiência na Experimental foi de extrema relevância, pois podemos perceber que é possível o psicólogo atuar enquanto um agente de mudança da instituição escolar, que convida os professores e as diretoras a pensarem juntos, quais as possibilidades de transformação do contexto em que estão inseridos. Com isso minha experiência na experimental revelou que aquele professor que resgata seu papel de sujeito produtor e portador de um saber político-pedagógico, transformador de sua própria prática, mantendo sempre uma postura analítica, reflexiva e investigativa da realidade na qual faz parte, é essencial para formar cidadãos éticos, criativos e autônomos. Aprendi, dentre outras inúmeras lições de vida, que se ter uma postura política e ética possibilita a transformação das relações humanas no cotidiano, repensando o espaço social e educacional. (HELOISA).*

*A oportunidade de estar na Escola Experimental tem me possibilitado compreender melhor a atuação do Psicólogo dentro do contexto escolar, em especial, porque percebo que neste espaço, especificamente, este profissional pode exercer de forma efetiva o seu papel; tem me oferecido a oportunidade de compreender o ser humano em sua inteireza e complexidade, contribuindo para o desenvolvimento de aprendizagens significativas e, por fim, ratificar a singularidade de cada ser humano, respeitando a sua condição e oferecendo-o a oportunidade de ser pessoa, mesmo que lá fora isso não ocorra de forma efetiva. Creio que estamos fazendo o nosso papel (ROBERTA)*

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CABRAL, Ilma da Silva. Pensando em uma nova formação para os profissionais da educação. **Cadernos IAT**, Salvador, v.1, n.1, p.75-83, dez. 2007.

GEMA, Paniagua; JESÚS Palacios. **Educação infantil**: resposta educativa à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GUIMARÃES, Elizabeth da Fonseca. A liberdade recriada. De como o aluno trabalhador é capaz de reconstruir o próprio cotidiano. In: **Contexto & educação**. Ijuí: Unijuí, 1992.

MANTOAN, M. T. E. Igualdade e Diferenças na Escola: Como Andar no Fio da Navalha in: MANTOAN, M. T. E. PRIETO, R. G. & ARANTES, V. A.(org.) **Inclusão Escolar**. São Paulo, ed. Summus, 2006

\_\_\_\_\_ O direito à diferença nas escolas: questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiências. **Revista do Centro de Educação**, Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2004/01/a2.htm>. Acesso em: 09 dez 2008.

MITJÁNS MARTINEZ, A. Inclusão Escolar – Desafios para o psicólogo. In: \_\_\_\_\_. **Psicologia Escolar e Compromisso Social**. 2.ed. Alínea, 2007. cap. 5, p.95-114.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: CAMPOS, Edson Nascimento; PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed São Paulo: Cortez, 2002.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão; CARVALHO, Larissa. Psicologia e parâmetros curriculares nacionais: contribuição para a formação de professores. In: AZZI, Roberta Gurgel; SADALLA Ana Maria Falcão de Aragão (Org.). **Psicologia e formação docente**: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.



SEVERINO, Antônio J. Formação, perfil e identidade dos profissionais da educação: a propósito das Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia. In: **Formação de Educadores**. São Paulo: Unesp, 2006.

SCHILLING, F., MIYASHIRO, S. G. **Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade**. *Educ. Pesqui.*, Ago 2008, vol.34, no.2, p.243-254.